SOLETRAS REVISTA N. 49 – 2024.2 – EDWIRGENS APARECIDA RIBEIRO LOPES DE ALMEIDA

A Literatura Infantil nas páginas de Lúcia Miguel Pereira

Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida[1]

Resumo: De maneira análoga à sua atuação como escritora de ficção para adultos, a escritora mineira Lúcia Miguel Pereira dedica-se a escrever quatro narrativas destinadas ao público infantil entre os anos 30 e 40. Se naqueles a autora se deteve a tratar da ocupação social da mulher, nas narrativas escritas para crianças, Lúcia Miguel Pereira também deixa entrevista a inquietação com a educação das crianças, mormente das meninas, e o papel da literatura infantil nesse processo de formação e sedução do pequeno leitor. Além dessa preocupação, questões inerentes ao universo infantil como a presença de personagens populares presentes em contos folclóricos, a relação com a natureza, os animais, o lúdico, o trabalho infantil e a religiosidade são marcantes da escrita de *A fada menina* (1939), *Maria e seus bonecos* (1943), *A filha do Rio Verde* (1943) e *Na floresta mágica* (1943), o que nos leva a discutir a presença da tradição nesse legado da autora.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Crítica; Tradição; Mulher.

Introdução

A atenção dada à criança seja no aspecto histórico seja no plano literário no mundo ocidental não possui trilhas muito antigas. No caso do Brasil, em se tratando de literatura destinada às crianças, são bem mais recentes.Conforme explica Philippe Ariès, retomando a trajetória da infância, em sua obra *História Social da Criança e da Família* (1981), durante a Idade Média, as pessoas e inclusive intelectuais não tinham grande interesse nas discussões em torno da criança e de seu papel social porque esta era considerada uma fase de transição que, sendo logo ultrapassada e esquecida, não lhe traria grandes implicações na vida adulta e na sociedade, de modo geral. Durante o século XVI, nos países da Península Ibérica que muito influenciarão a literatura no Brasil, teremos a publicação de vários tratados morais e de ética como os de Juan Luis Vives, Antonio de Guevara e outros que, embora não tivessem as características de textos infantis, era adotado o propósito de ensinar às crianças e aos jovens maneiras de comportamentos e de virtudes esperados, sobretudo, dos membros das elites.

[1] Professora na Universidade Estadual de Montes Claros. Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília, com pós-doutoramento em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Língua e Literatura espanhola e hispano-americana pela Universidade de São Paulo. Mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Letras pela Universidade Metropolitana de Santos. Graduada em Letras (Espanhol) pela Universidade Estadual de Montes Claros. Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-2297-6800. E-mail: edwirgensletras@gmail.com.

No início do século XVII, várias mudanças nos aspectos político, econômico, moral, cultural e social como a ascensão da classe burguesa que reivindicava maior participação social e a preocupação com a educação das crianças fez surgir assim a preocupação com a criança no contexto em que vivia. Como argumenta Philipe Ariès, "a sociedade passou a ter consciência da particularidade infantil, particularidade essa que distingue essencialmente a criança do adulto" (Ariès, 1981, p. 156). Se essas inquietações tangentes às crianças estavam voltadas para a sua participação na vida doméstica e familiar, nelas também podemos destacar a criação de um gênero literário específico para elas, a literatura infantil. Segundo Maria Antonieta Antunes Cunha (2004), os primeiros livros dedicados às crianças surgiram na Europa, escritos por autores de clássicos como Perrault, Irmaõs Grim, Andersen, Lewis Carrol, dentre outros.

A literatura infantil no Brasil: o caso de Lúcia Miguel Pereira

No caso do Brasil, com a chegada da família real portuguesa é que começarão a vir, para as terras coloniais, livros traduzidos da Europa. De acordo com o pensamento de Lia Cupertino A. Duarte (2004), embora algumas edições traduzidas fossem publicadas a partir de 1808, os livros destinados a crianças começam a ser publicados no Brasil no final do século XIX, com uma circulação ainda precária e irregular. Porém, conforme esclarece Maria Antonieta Antunes Cunha (2004), no caso do Brasil, somente nas primeiras décadas do século XX é que nos deparamos com as produções mais significativas voltadas para esse público.

Escritoras da transição do século XIX para o XX como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Francisca Júlia (1871-1920), Maria Sabina (1898-1991), Gilka Machado (1893-1980) e Ercília Nogueira Cobra (1891-?) apresentavam incipientes produções pouco lidas e valorizadas pelo público e pela crítica. No entanto, ao longo da década de 30 escritoras como Lúcia Miguel Pereira e outras importantes escritoras como Cecília Meireles (1901-1964), Henriqueta Lisboa (1901-1985), Rachel de Queiroz (1910-2003), Patrícia Galvão (1910-1962), Maria Lacerda de Moura (1887-1945), Eneida de Moraes (1903-1971) e Dinah Silveira de Queiros (1911-1982) iniciaram seus ofícios de escrever. Dessas mulheres escritoras, apenas Patrícia Galvão e Maria Lacerda de Moura não se ocuparam da educação e da arte literária voltada para a criança. As demais dedicaram algum capítulo de suas escritas para a literatura infantil seja por meio da

crítica ou da ficção, contudo, a maioria delas o fez em meados e na segunda metade do século XX.

De modo pioneiro, temos, no Brasil, em 1921, Monteiro Lobato inaugurando uma nova estética da literatura infantil, modificando a percepção de mundo e emancipando seus leitores através de suas produções. Acrescenta Lia Duarte que,

> [...] estimulando esse leitor a ver a realidade por conceitos próprios, o autor incita-lhe o senso crítico, apresentando problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que, por meio de especulações e discussões das personagens, são vistos criticamente (Duarte, 2004, p. 18).

Rompendo com os modelos tradicionais, foge de padrões prefixados do gênero criando um mundo que não é apenas o reflexo do real, "mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e preconceitos da situação histórica em que a literatura era produzida" (Siqueira, 2008, p. 66). Lobato tornou o livro um meio de modificar a visão da criança sobre o mundo, possibilitando que essa a criasse e recriasse a seu modo. Estimulando a formação da consciência crítica, Lobato tornou-se referência máxima da literatura infantil brasileira.

É nesse contexto de formação da nossa literatura infantil e, ainda enfrentando preconceitos de várias ordens, que Lúcia Miguel Pereira inicia a sua atuação como crítica e ficcionista. Na década de 30, momento em que a literatura infantojuvenil brasileira possui uma incipiente produção tanto ficcional quanto crítica, Lúcia atua com intensidade no campo das letras. Debruçando-se sobre o universo da escrita seja como crítica ou como romancista, a escritora Lucia Miguel Pereira dá ao público uma produção ficcional que se destina a adultos e outra produção para crianças. Além de produzir quatro romances destinados ao público adulto, *Maria Luisa* (1933), *Em Surdina* (1933), *Amanhecer* (1938) e *Cabra Cega* (1954), a autora também escreveu alguns títulos infantis, *A Fada Menina* (1939), *Na Floresta Mágica* (1943), *Maria e seus bonecos* (1943) e *A filha do Rio Verde* (1943), porém, suas produções como crítica e como historiadora da literatura ofuscaram esta sua produção como ficcionista.

Foram muitas as investigações que levaram ao conhecimento de que, além de investir na crítica, na historiografia e na criação literária de romances, Lúcia Miguel Pereira também se lançou como escritora de narrativas curtas de teor infantil. Essas narrativas inéditas encontravam-se desaparecidas até que, na conclusão das atividades do projeto "Infância em diálogos: a literatura infanto-juvenil brasileira pelas letras de escritoras mineiras", realizado

junto com alunos da graduação em Letras, localizamos um único exemplar de cada uma dessas narrativas infantis e, a partir desse momento, investimos na divulgação dessas obras. Assim como os romances, os contos totalizam quatro obras publicadas entre 1939 e 1944 sob os títulos de *A fada menina*, *Maria e seus bonecos*, *Na floresta mágica* e *A filha do Rio Verde*.

Três dessas quatro obras infantis inéditas de Lúcia Miguel Pereira tiveram apenas uma edição sendo que *Maria e seus bonecos*, *Na floresta Mágica* e *A filha do Rio Verde* foram encontrados em único exemplar de cada obra no Acervo sob a responsabilidade da Prefeitura de São Paulo arquivados na Biblioteca infantil Monteiro Lobato, cópias a mim cedidas pelo bibliotecário Antônio Carlos D'Angelo. Já o exemplar de *A fada menina* foi encontrado na Biblioteca IEB/USP e a cópia nos foi disponibilizada graças ao empenho da bibliotecária Daniela Piantola. Tendo em vista que a obra *A fada Menina* teve duas edições, uma de 1939 e outra de 1944, as demais obras publicadas tiveram apenas uma edição, todas datadas do ano de 1943.

Referimo-nos a este legado como portadoras de teor infantil uma vez que a própria Lúcia Miguel Pereira (1945), escrevendo em perspectiva crítica para o *Boletim de Ariel*, em julho de 1932, entendia ser improcedente estigmatizar um texto como sendo destinado ao público infantil ou ao público adulto, pois, segundo ela, uma obra que pretendesse alcançar a um público adulto, poderia agradar mais ao leitor infantil. Por outro lado, o texto que visasse à criança poderia conquistar o adulto. Problematizando a relação da literatura infantil com o entretenimento e o aspecto pedagógico ou moralizante encontrado em muitas obras para crianças, Lúcia Miguel se dedica à escrita de alguns textos publicados em jornais e em revistas como *O Boletim de Ariel* ou *O Cruzeiro* com vistas a esse público leitor. Todavia, ainda que a crítica perscrute esse caminho atenta à educação das crianças, seus textos de ficção infantis são, ainda hoje, totalmente desconhecidos. Em seu *Dicionário Crítico da literatura infantil/juvenil brasileira 1882-1982*, Nelly Novaes Coelho (1983) faz um levantamento da produção literária produzida no Brasil nos anos em questão, apontando escritores de destaque e outros de produção secundária, contudo, a mesma autora não contempla Lúcia Miguel Pereira como produtora de literatura infantil e juvenil. A crítica e ficcionista nascida em Minas Gerais e seus quatro contos infantis não são, sequer, mencionados nas quase mil páginas do *Dicionário* que apresenta e analisa alguns títulos da literatura infanto-juvenil escritos entre 1882 e 1982.

Dessa maneira, o acesso que ora temos destas obras permite trazê-las à luz pelo viés da crítica e, quiçá, a uma nova publicação. *A filha do Rio Verde*, *Na floresta mágica*, *Maria e seus*

bonecos e *A fada menina* contemplam discussões familiares ao universo infantil, como orienta Lúcia Miguel nos textos críticos (1992), sem perder de vista a discussão central que enreda seus romances de público adulto. Tanto nestes quanto naqueles, podemos ver ideias que coadunam com a preocupação central da autora com o papel social da mulher e, nesses últimos, com a educação e a ocupação das crianças nos embates de gêneros.

Para materializar aquilo que impõe sob o olhar crítico, Lúcia Miguel Pereira, nessa contística para os pequenos, materializa aspectos da tradição literária infantil ao aproximar elementos do folclore e do conto popular. Por sua intensa atuação como crítica literária nos primeiros cinquenta anos do século XX, Lúcia Miguel Pereira marcou, efetivamente, a geração de prosadores modernos das décadas de 30 e de 40. Também na imprensa literária, Lúcia colaborou com a revista *A Ordem* e com jornais de relevante circulação como *O Estado de São Paulo, Correio da Manhã, Gazeta de Noticias, Boletim de Ariel*, dentre outros.

Ao lado desse exercício, a escritora, nascida em Minas Gerais, investiu no plano da ficção ao escrever os romances *Maria Luísa*, *Em Surdina*, *Amanhecer* e *Cabra-cega* nos quais perscruta a complexa psicologia humana e, sobretudo, as dificuldades femininas de inserção no campo social, além das inquietações decorrentes da exclusão e das limitações impostas à mulher. Deu-se nas décadas de 30 e de 40 a maior parte de sua produção, inclusive ficcional, excetuando a obra *Cabra-cega* que vem a público em 1954.

Dentre esse legado, podemos encontrar também quatro narrativas curtas indicadas ao público infantil. São publicações da transição para os anos 40, sendo que, em única versão conservada até os dias atuais, temos a obra intitulada *A fada menina*, datada de 1939, e os demais *Maria e seus bonecos*, *A filha do Rio Verde* e *Na floresta mágica*, todos com data de publicação do ano de 1943. Se Lúcia Miguel foi uma das primeiras mulheres no Brasil a se lançar no ofício das letras e obter respeito de seus contemporâneos, sobretudo por sua atividade crítica, é interessante ressaltar que a mesma também é uma das pioneiras a se lançar no campo da literatura para crianças.

Escrevendo no contexto da década de 30, período marcado por acentuada instabilidade política e social, de inquietação com o papel da família e do cotidiano feminino com a ampliação do mercado de trabalho, o ingresso ao ensino superior e a conquista do voto, Lúcia Miguel Pereira deixa marcado, em suas páginas, o reflexo dessas mudanças no íntimo de suas personagens. Com esse receio, a mesma transmite em textos ficcionais para crianças e em textos escritos para periódicos a problemática da literatura e da educação atribuída a aqueles a quem

ela interpreta como sendo receptivos a todo tipo de texto, a saber, a criança. Nessa perspectiva, argumenta para o *Boletim de Ariel*, em julho de 1932, que "a preocupação de ser sadio, de mostrar da existência os aspectos mais nobres não deve faltar ao gênero dedicado a quem tem diante de si a vida toda, e precisa sentir-se confiante" (Pereira, 1945, p. 53).

Ainda que, em determinados aspectos de sua crítica, a autora demonstre ideias inovadoras com relação à arte literária para crianças, em seus quatro contos, a mesma deixa evidente marcas bastante proeminentes da tradição, como também podem ser observados nos romances indicados para adultos. Com essa escrita muitas vezes contraditória, seja na condição de crítica seja na atuação de ficcionista, todavia revela-se fortemente influenciada pelas correntes ideológicas de seu tempo.

Nesse sentido, fica entrevisto que Lúcia Miguel adota estratégias, consideradas por Márcia Cavendish Wanderley (1999), como conservadoras em alguns de seus registros, sobretudo aqueles da década de 30, o que nos leva a perceber algumas marcas condizentes com os ditames da tradição. Entende-se, nessa perspectiva, um dos conceitos de tradição postulado por Raymond Williams de que esse substantivo latino assume o sentido de uma "descrição de um processo geral de transmissão, mas há um sentido implícito muito forte e amiúde predominante de respeito e obediência" (Williams, 2007, p. 400). Nessa direção é que relacionamos o termo a alguns procedimentos perfilhados por Lúcia Miguel Pereira nesses textos, sobretudo infantis, nos quais a mesma mantém certa conivência e respeito a certa tradição da escrita literária infantil e ainda a uma conduta patriarcal, portadora de práticas e de ideias coerentes com o contexto embaraçoso em que materializa seus registros, mas que intenta, sutilmente, demonstrar alguns balanceios dessa tradição. Podemos citar aqui a configuração da menina Maria, protagonista da obra *Maria e seus bonecos*.

Nessa obra, enquanto a narração se empenha em deixar entrevista a ordem na família nuclear, o papel da mãe e a sugestão clara às discussões em torno da ocupação social da mulher, temos uma personagem Maria que se furta aos princípios ensinados pelos pais, egoísta e maldosa, mas que acaba alcançando a punição e o entendimento de sua conduta ideal através da religiosidade. O nome da menina que indica o símbolo maior da maternidade cristã evidencia uma criança contraditória aos princípios esperados para uma menina na sua condição. Sabe-se que Lúcia Miguel Pereira foi educada em um Colégio católico e, ainda que negue qualquer credo religioso, atuou durante anos escrevendo para uma das maiores difusoras da ideologia católica daquele período, a Revista *A Ordem*. Algumas marcas daquela ideologia católica

predominante no pensamento do tempo aparecem, de maneira, muitas vezes, velada, nesses registros infantis.

Também em *A filha do Rio Verde*, Esmeralda é uma menina moldada para ser uma pequena mulher. Maternal, acolhedora, madura e responsável com a família tanto quanto se mostra os pais que a educaram. Porém, entre diálogos e ações com os humanos e com os animais, a mesma revela algumas condutas como a desobediência aos pais na cidade de maneira que, mesmo justificadas por suas boas intenções, contrariam o respeito e a obediência ao poder paternal. Os aspectos da religiosidade e da ordem patriarcal nas relações de gênero aparecem como elementos norteadores da educação das crianças nesses contos, elementos que também são recorrentes na historiografia literária infantil até os tempos de escrita de Lúcia Miguel.

Dessa maneira, a autora faz uso da tradição da escrita literária infantil para efetivar, no plano da ficção, o universo experimentado pela criança sem deixar de lado os elementos mágicos que também povoam aquele imaginário. Com esse argumento, anota que

> [...] querer expulsar o irreal do mundo infantil é tentar - em vão – reduzir-lhe as dimensões, abafar-lhe as ressonâncias, empobrecê-lo, amesquinhá-lo; querer subordiná-lo estritamente à lógica é desconhecer o ímpeto criador da imaginação ainda não sofreada pela vida (Pereira, 1945, p. 53).

Consciente dessa possível deformação dos dados da tradição ao desenvolver os sucessos da narrativa a fim de conquistar a imaginação da criança, a autora admite que o texto não pode ser meramente moral ou moralizante, mas pode, ao longo de seu desenvolvimento, inspirar contornos morais. Explica que a maior finalidade do livro infantil é “mais do que incutir princípios sãos, mais do que ministrar noções, eles têm a missão de desenvolver as faculdades estéticas e intelectuais” (Pereira, 1945, p. 54).

É preciso destacar que, não somente no âmbito brasileiro, o foco dado à literatura destinada a crianças marcava contornos de comportamentos desejados, sobretudo pela classe dominante. Sendo assim, a literatura infantil brasileira nasceu sob a influência dos contos de fadas e folclóricos voltada para a explícita intenção moralizante. Conforme mencionamos anteriormente, muitos textos recorrentes na Península Ibérica e que serviram como referência na educação de crianças em Portugal e Espanha eram os códigos de ética e de conduta. Neles, era predominante o teor pedagógico e moralizante.

Contudo, no Brasil, há poucos registros de escritoras que se empenharam nesse tipo de literatura infantil, seja naquela destinada ao entretenimento seja na que visava à moralização, na transição do século XIX para o XX. Do período que compreende os anos de 1890 a 1930, destacam-se as escritoras Carmen Dolores, Júlia Lopes de Almeida e Madame Chrysanthéme, psedônimo de Cecília Bandeira de Mello Vasconcellos e Lúcia Miguel Pereira que publicaram alguns textos sobre ou dirigidos às crianças.

Na tentativa de escrever uma reconhecida literatura infantil, Lúcia Miguel Pereira faz uso de elementos recorrentes nas obras do maior expoente da literatura infantil brasileira no princípio do século XX, Monteiro Lobato. Como salienta Maria Antonieta Antunes Cunha (2004, p. 24),

> [...] ao lado de obras marcadamente didáticas, Lobato escreve outras de exploração do folclore ou de pura imaginação, com ou sem o reaproveitamento de elementos e personagens da literatura infantil tradicional (Cunha, 2004, p. 24).

Lúcia também almejou seguir a mesma trilha, contudo não teve a mesma persistência do escritor de Taubaté, ficando restrita apenas a quatro obras de literatura infantil, de única edição.

No caminho da prática lobatiana, Lúcia Miguel elege também a destruição entre as barreiras dos fatos comuns e a fantasia como um elemento primordial na concepção de um bom livro para agradar o pequeno público. Antonio Candido, em artigo intitulado “Lúcia”, destaca que a crítica, “desde menina manifestou muita capacidade fabulativa, criando um personagem, a princesa Rosa Violeta, protagonista das histórias que inventava para as irmãs e apareceria mais tarde nos seus belos contos infantis” (Candido, 2004, p. 129).

É importante ressaltar que a literatura para crianças ganha força no Brasil a partir dos escritos de Monteiro Lobato, contudo, segundo Coelho (1984), os princípios da educação e instrução oitocentista no Brasil registra que, paralela à literatura de caráter universal, prevalecia uma literatura de cunho moralista, própria do século XIX, direcionada à infância e à adolescência: formadora de caráter, de moral identificável, com modelos de virtude, amor e desprendimento a serem seguidos pelas crianças e jovens. A própria literatura romântica cumpria um modelo que visava a educar as mocinhas dentro de um paradigma patriarcal.

Se Monteiro Lobato abriu caminho para muitos escritores de talento, Lúcia Miguel Pereira tenta seguir o caminho iniciado pelo autor de *O Sítio do Pica Pau amarelo* quando inclui, na receita de seus textos, ingredientes nunca antes experimentados na literatura anterior a Lobato, no Brasil. Em *A fada menina*, a primeira das narrativas publicadas, o pequeno leitor se deparará com personagens do folclore como o Saci Pererê e com contos populares que dão realce à nacionalidade brasileira, aspectos certamente revisitados pela autora em Monteiro Lobato. Conta o narrador de *A fada menina*:

> Havia também feiticeiros, mágicos, pessoas que Rosa Violeta só conhecia de nome, que nunca imaginara que existissem de verdade.
> De repente avistou uma figurinha engraçada, pulando no meio da sala. Um pretinho com uma carapuça vermelha. As outras fadas caçoaram dele porque era negro. Mas Rosa Violeta simpatizou com ele. Olhou bem para ele, como quem estava reconhecendo um velho amigo, e depois gritou: _ Saci Pererê!... – Como é que você sabe que eu sou o Saci? Aqui ninguém me conhece por esse nome, chamam-me de duende preto. Só no Brasil é que eu sou Saci Pererê (Pereira, 1939, p. 68).

O trecho supracitado deixa entrevista a aproximação da escrita de Lúcia Miguel Pereira com a de Lobato em alguns aspectos. Como mencionamos acima, elementos folclóricos e uma linguagem mais popular, além de ressaltar, em muitos momentos da obra, o papel do negro na sociedade e o preconceito em relação a ele no Brasil daqueles tempos.

Além das possíveis reflexões apresentadas em torno da narrativa, a mesma ainda oferece, por meio da encenação das personagens, vários comportamentos instigantes que podem ser abordados com a criança como os padrões da educação tradicional, o altruísmo, o zelo pela natureza, a inocência e, inclusive o preconceito racial, questões que também podem ser entrevistos nos textos de Lobato e, de modo geral, na tradição literária infantil.

Porém, é preciso deixar explícito que Lúcia Miguel Pereira, em sua crítica, relata que essa preocupação precisa ser decorrente do prazer da leitura e não ser colocado como o objetivo central do texto. Em seu artigo *Literatura Infantil*, a autora ressalta que

> [...] a criança precisa é de imagens, de imagens que lhe falem ao mesmo tempo à fantasia e aos sentidos, e também de fatos que lhe revelem maior relação entre as coisas, entre o seu limitado âmbito familiar e a imensidão do que adivinha (Pereira, 1945, p. 53-54).

Para ampliar esse universo infantil, nessa mesma obra, a autora trata de dois planos, o da realidade da menina e o outro que também é vivido por ela, mas soa para o leitor como um plano da imaginação da criança. Maria, a protagonista, se transforma em fada e, a partir de sua transformação, tudo se torna mágico, maravilhoso. Em suas expressões críticas, a autora se manifesta acerca da relevância dessa instância imaginativa na literatura para crianças explicando que esse fator soa como primordial para o mundo dos pequenos leitores.

É possível notar que Lúcia Miguel Pereira, além de se ocupar daquilo que provoca prazer na criança, também fica atenta aos elementos pedagógicos que podem ser inseridos no texto. Ainda que, sob sua ótica, isso não seja primordial, todo texto culmina por ser tornar didático, moralista, sobretudo aqueles atribuídos à criança. Essa perspectiva é assegurada no artigo "Literatura infantil" escrito para o *Correio da Manhã*, jornal do Rio de Janeiro, em 1945:

> Se o risco de transgredir os limites entre a inevitável tomada de posição e o desejo de influir, entre a atitude moral e o moralismo, está presente em qualquer parte, nas histórias para crianças ainda mais se acentua. Com efeito, quer queira quer não, quem escreve para esse público especial exerce uma função educativa cujo alcance é mais profundo precisamente por não se apresentar com caráter formal (Pereira, 1992, p. 52).

Notamos que, mesmo apresentando uma percepção atualizada sobre a literatura infantil, Lúcia Miguel Pereira ainda segue, de certa maneira, a tradição dos primeiros textos escritos para criança. Na mesma perspectiva de Lúcia Miguel Pereira, Cecília Meireles (1979) profere, em 1949, em Belo Horizonte, conferências que, reunidas em livro intitulado *Problemas da literatura infantil*, nos dão um panorama da questão da educação infantil. Ali, Cecília Meireles observa que a finalidade do texto infantil, desde seus primórdios, era a dar exemplos, e finalmente, educar crianças. Para essa exemplificação, Meireles cita a obra *El Conde Lucanor*, escrito por Don Juan Manuel, na Península Ibérica no Século XIV. Este não era era propriamente uma narrativa infantil, mas continha um conjunto de contos, a maioria de origem popular, nos quais a função central era didática e moralizante.

Nesse sentido, pode-se observar que, tanto Lúcia Miguel Pereira quanto Cecília Meireles são atentas ao que se refere ao estilo literário e à função de entretenimento da literatura, contudo ambas admitem a função pedagógica existente no texto, aspecto que Lúcia Miguel Pereira, de modo sutil, imprime em suas páginas de ficção, mesmo que não faça dessa proposta a questão central em seus contos infantis. Tal expressão de Lúcia Miguel Pereira não apenas a

aproxima da tradição da escrita infantil como também, ao procurar retratar o ambiente vivido pela criança, termina por abordar dados da tradição, dos costumes da sociedade patriarcal do tempo da enunciação. Essa abordagem das experiências predominantes naqueles tempos não é lida apenas como uma retratação da realidade, mas que pode ser entendida como uma crítica irônica desse contexto, pois segundo Lúcia Miguel Pereira, a criança é receptiva a vários tipos de textos, mas não é passiva, pois ela é capaz de atuar sobre a composição do texto fazendo sua interpretação. Sob esse pressuposto, assegura que "o simplismo das chamadas leituras edificantes, onde se pretende mostrar a virtude recompensada e o erro castigado provém de um preconceito, de se julgar que as crianças são completamente disponíveis, passivamente receptivas" (Pereira, 1994, p. 52). E dá seguimento:

> Para um adulto, um livro pode ser mera distração, pode ser simples documento, pode ser aceito parcialmente ou parcialmente rejeitado: para um menino, que está sempre, inconscientemente, aprendendo e assimilando, é muito mais que isso: é um contato com a existência, é uma experiência nova, é uma abertura para o mundo, é alguma cousa de vivo que se incorpora à sua sensibilidade; desde que o interesse, que lhe consiga captar a atenção, terá sobre ele uma influência de cujos resultados não sabemos bem aquilatar, ignorantes como somos das condições e disposições de cada jovem leitor (Pereira, 1994, p. 52).

Ao atentar para a reação da criança na assimilação da mensagem dos textos, a autora acredita que a mesma pode surpreender. Por isso não tem efeito uma escrita de ordem puramente moralista. Para Lúcia Miguel Pereira, o texto precisa entreter, mas conter alguns contornos de fundo moral, com a intenção de dar bons exemplos.

Considerações finais

O olhar sobre a história da literatura infantil no mundo ocidental e, especificamente, no Brasil, demonstra que a origem, atrelada aos contos populares, deu a esse tipo de escrita o teor da exemplaridade e da moralidade.

Contudo, escritores como Monteiro Lobato, Cecília Meireles e Lúcia Miguel Pereira deram, a esse tipo de escrita, as adequações para torna-las lúdicas, criativas e, sobretudo, expressivas da tradição popular e da história do Brasil. Nessa perspectiva, este texto exprime

essa imersão de Lúcia Miguel Pereira no universo do mundo infantil, atribuindo a ele a magia e o encantamento que lhe é peculiar, porém, sem deixar de lado as preocupações que envolvem a formação moral, social e religiosa dos pequenos leitores.

Portanto, uma leitura dos contos infantis e dos artigos de jornais e de revistas escritos por essa autora mostra que a mesma manifesta o seu pensamento crítico nas páginas da ficção, mas a também não abandona certo conservadorismo adotado por outros escritores de literatura infantil, o que delega certa tradição nas páginas dos livros *A fada Menina*, *Maria e seus bonecos*, *Na floresta mágic*a e *A filha do Rio Verde*. Se por um lado a autora se mostrou contraditória em seus registros críticos, em relação a seus romances atribuídos aos adultos, no que se refere aos escritos que pretendem alcançar as crianças, a mesma manteve certa coerência com os argumentos fixados em artigos e em jornais anteriores à experiência da escrita infantil, o que confere ao texto certa coerência com os costumes do tempo e com a tradição literária infantil, ainda incipiente, no Brasil.

Referências

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981.

CANDIDO, A. Lúcia. *In*: CANDIDO, A. *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 127-132.

COELHO, N. N. *A literatura infantil*. São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, N. N. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira 1882-1982*. São Paulo: Quíron, 1983.

CUNHA, M. A. A. *Literatura infantil*: teoria e prática. São Paulo: Ática, 2004.

DUARTE, L. C. A. *A literatura infantil no Brasil*: origem, tendências e ensino. São Paulo: IESP, 2004.

MEIRELES, C. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1979.

PEREIRA, L. M. *A fada menina*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939.

PEREIRA, L. M. *A filha do Rio Verde*. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1943.

PEREIRA, L. M. *A leitora e seus personagens*: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943), e em livros. Prefácio: Bernardo de Mendonça. Pesquisa bibliográfica, seleção e notas: Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Grafia Editorial, 1992.

PEREIRA, L. M. Literatura Infantil. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2. ed., p. 1-2, 28 jan. 1945.

PEREIRA, L. M. *Lúcia Miguel Pereira*: escritos da maturidade. Seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959), e em livros. Pesquisa bibliográfica, seleção e notas: Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Grafia Editorial, 1994.

PEREIRA, L. M. *Maria e seus bonecos, A filha do Rio Verde e Na floresta mágica*. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1943.

SIQUEIRA, E. B. G. de. Informação, imaginário e conhecimento na literatura infantil: da educação moralizante à formação da consciência do mundo. *Caderno Discente do Instituto Superior de Educação*, Aparecida de Goiânia, ano 2, n. 2, p. 63-88, 2008.

WANDERLEY, M. C. Lúcia Miguel Pereira: do conservadorismo ao liberalismo. *In*: RAMALHO, C. (org.). *Literatura e feminismo*. Propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1999. p. 73-84.

WILLIAMS, R. *Palavras-chave*: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

Children’s Literature in the pages of Lucia Miguel Pereira

Abstract: In an analogous way to her work as an adult fiction writer, Lúcia Miguel Pereira dedicates to writing four narratives aimed at children from the 30s to the 40s. If in those cases, the author dealt with the social occupation of women, in the written narratives for children Lúcia Miguel Pereira also shows the restlessness with children’s education especially girls and the role of children's literature in this process of early education and seduction of the little reader. In addition to this concern, issues inherent in the children’ universe, such as the presence of popular characters in folk tales, the relationship with nature, animals, playfulness, child labor and religiosity are remarkable in the writing of *A fada menina* (*The Little Fairy Girl* - 1939) *Maria e seus bonecos* (*Maria and her dolls* - 1943), *A filha do Rio Verde* (*The daughter of Rio Verde* - 1943) and *Na floresta mágica* (*In the magic forest* - 1943) which leads us to discuss the presence of tradition in this author’s legacy.

Keywords: Children's Literature; Criticism; Tradition; Woman.

Recebido em: 11 de junho de 2024.

Aceito em: 29 de julho de 2024.